



A COLONIZAÇÃO DA AMÉRICA LATINA: UM OLHAR A PARTIR DA EXPLORAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS E A FIGURA DO PAPA FRANCISCO NO DIÁLOGO SOBRE A PRESERVAÇÃO AMBIENTAL E A VALORIZAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS

RAQUEL PACHECO MOURÃO

RESUMO

O presente artigo analisa o processo de colonização da América Latina legitimado pelo argumento de expansão do Cristianismo e da evangelização dos povos originários, destacando a ruptura demográfica, social e ambiental promovida pelos europeus. Os padrões de organização social das populações indígenas pré-coloniais e de manejo dos recursos naturais foram de modo impositivo, aos poucos, se modificando para atender as demandas mercantilistas das colônias, constituindo a gênese do processo de degradação ambiental na América do Sul. O estudo foi realizado utilizando-se da pesquisa exploratória, ou seja, de uma metodologia de pesquisa de levantamento bibliográfico em materiais já publicados. O estudo demonstrou que apesar de todos os erros do passado, quando a religião dos colonizadores foi imposta de forma violenta aos povos nativos do continente Latino Americano, atrelado à exploração das riquezas naturais, o cristianismo, principalmente na figura do Papa Francisco, vem assumindo uma importante posição no diálogo sobre a preservação ambiental e a valorização dos povos indígenas, sobretudo da Amazônia.

Palavras-chave: Colonização; Recursos Naturais; Papa Francisco; Conscientização ambiental; Cristianismo.

1 INTRODUÇÃO

A colonização da América latina, legitimada pelo argumento da expansão do Cristianismo e da evangelização dos povos, foi marcada de muita violência e imposição de um novo modo de viver. Os povos que habitavam o continente antes da chegada dos europeus viviam em harmonia com a natureza utilizando-a de forma respeitosa e sustentável. No entanto, essa dinâmica do bem viver foi ignorada pelos conquistadores e, aos poucos, a nova sociedade que aqui foi se formando, se distanciou da noção de integração com o meio ambiente e passou a enxergá-lo meramente como mercadoria a ser extraída para obtenção de lucro, primeiramente para ser enviado às colônias e posteriormente, visando sustentar o sistema capitalista que se consolidou.

Essa mentalidade de exploração desenfreada, não apenas no nosso continente, mas em todo o globo, gerou uma crise ambiental gravíssima onde suas consequências afetam a todos os seres humanos.

Nos últimos anos, a questão ecológica tem ultrapassado os discursos ambientalistas e adentrado no seio das igrejas adeptas ao Cristianismo.

O presente artigo busca analisar a influência da mentalidade europeia trazida pelos colonizadores na degradação ambiental presente na América do sul, ressaltando a postura contemporânea da Igreja Católica com relação ao meio ambiente, destacando a dimensão

ecológica presente no pontificado do Papa Francisco.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O artigo foi desenvolvido a partir da pesquisa exploratória, ou seja, utilizando-se de uma metodologia de pesquisa de levantamento bibliográfico em materiais já publicados, como livros e artigos científicos, selecionados tendo como critério as palavras-chaves relacionadas com a temática da pesquisa. Foi realizada primeiramente uma leitura exploratória de modo a escolher as bibliografias relevantes para a análise; logo após foi realizada uma leitura seletiva de modo a me aprofundar no assunto; e, por fim, foi realizado um fichamento/registro das informações relevantes e que poderiam acrescentar ao trabalho. (GIL, 2008, p.50).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde a chegada dos primeiros colonizadores na América do Sul, em 1492, a exuberância de nossa natureza é ressaltada, Pero Vaz de Caminha relata, em varias de suas cartas, a beleza e abundancia do nosso continente. No entanto, a história da colonização do território sul americano é marcada por uma ocupação predatória não apenas em relação ao meio ambiente, mas também para com os povos originários. Apesar de não existirem números precisos, “há estimativas indicando que a população nativa do continente chegava, na época da conquista, a mais de cinquenta e três milhões de pessoas, sendo que só a bacia Amazônica teria mais de cinco milhões e seiscentos mil habitantes.” (DENEVAN, 1992: xxviii apud NEVES, 1995, p. 174).

Além da ruptura demográfica e social promovida pela colonização, os padrões de organização social e de manejo dos recursos naturais das populações indígenas pré-coloniais foram desconsiderados. Em nome de uma ideologia de salvação universalista e de uma pratica missionaria de doutrinação dos povos que legitimou muita violência, extermínio, e degradação ambiental o projeto colonizador dos europeus foi implantado. A terminologia evangelização, afirma Hoornaert, “passou a ser justificativa da opressão e escravização de indígenas e mais tarde de africanos” (1979, p. 26). A igreja que evangelizou o Brasil foi uma igreja que entrou armada e em pé de guerra contra ele (HOORNAERT, 1979, p. 27).

Para nos fazer entender como se deu o processo de colonização, catequização e, conseqüentemente, de exploração da América Latina, Burjack ressalta:

A nossa história de conversão perpassa pela análise da mente dos primeiros missionários em terras latinas principalmente no Brasil. Como eles se viam e a forma como eles enxergavam os nativos da nova terra esclarece um pouco as razões pelas quais tanta violência e desrespeito aos donos legítimos desta terra nos primeiros séculos de cristianização financiada pelo reino de Portugal por estas bandas. (BURJACK, 2013, p.115).

Havia, no período da expansão mercantilista dos países europeus, período popularmente chamado da era das grandes navegações, uma relação de união entre o Estado e a Igreja, assim os países europeus e a Igreja Católica agiam juntos em seus projetos de expansão, onde um legitimava o outro. “A propagação do Reino de Cristo era imposta aos imperadores e reis, como dever sagrado, através um solene ritual litúrgico” (HÖFFNER, 1977, p. 21). A cosmologia cristã da época dizia que todo e qualquer homem ou mulher que não fosse batizado e não aceitasse o cristianismo como religião era considerado herege e pagão, categoria de ser humano inferior com efeitos em várias esferas da vida como ressalta Burjack:

O Papa, o vigário de Cristo, possui toda autoridade sobre a humanidade, ela está debaixo de seu sacerdócio e caso um pagão não reconheça esta autoridade, passa a ser lícito o enfrentamento pelas armas e o confisco de bens até que os mesmos sejam totalmente dominados e subjugados. (BURJACK, 2013, p. 117)

Antes da chegada dos colonizadores, a forma como os povos que habitavam a América lidava com a natureza e os demais seres vivos era bem diferente da forma predatória vivida pelos europeus, os indígenas lidavam com o meio ambiente a partir da premissa de integração e, até hoje, os povos originários preservam essa maneira de lidar com o ecossistema. Sobre isso Ivo Poletto, ao falar do bioma da Amazônia, afirma:

A Amazônia conta, então, com uma história longa, vivida e contada por povos que convivem com ela há mais de doze mil anos. Seu modo de vida e suas culturas, profundamente religiosas, possibilitaram que, até a chegada dos colonizadores europeus, o bioma Amazônia fosse profundamente respeitado. São povos que se consideram nascidos da natureza da região, filhos e filhas dos rios, das florestas. Quando sentem necessidade de modificar o ambiente, derrubando árvores para expandir áreas agrícolas, ou para dar descanso às já cultivadas há anos, realizam ritos de pedido de licença e de perdão, cientes de que a sua vida está diretamente interligada ao equilíbrio e à harmonia entre todos os seres vivos e com os elementos naturais de que a vida necessita. (POLETTI, 2007, p. 12).

O processo de conversão da América latina foi, na verdade, um processo de desconstrução. O modo de vida dos povos nativos foi sendo forçadamente modificado e um novo modelo de sociedade baseado na lógica de acumulação primitiva de capital, denominado mercantilismo, foi sendo aos poucos introduzidos.

Converter-se ao cristianismo era, a priori, descaracterizar-se totalmente do seu ser. A língua, os costumes e a geografia tudo foi desconsiderado. O padrão era o do colonizador. Não foi possível aos primeiros missionários observarem a transformação que a religião cristã traria a vida dos nativos a partir da sua própria cultura. Para estes, a mudança só era verdadeira se os índios se tornassem cópias fiéis do modelo estabelecido em terras europeias. (BURJACK, 2013, p. 120).

Expansão territorial e degradação ambiental

Diferentes regiões da América do sul forneciam bens agrícolas, vegetais e minerais para as metrópoles, que por sua vez ficavam responsáveis pela fabricação dos produtos manufaturados. A expansão mercantilista dos países europeus, sobretudo Portugal e Espanha foi pautada na conquista e expropriação material e cultural dos “novos” territórios por isso esses países trataram de explorar e ocupar ao máximo toda a parte sul do continente, extraíndo o máximo de riquezas naturais que podiam. Essa cultura de exploração de solo e dos recursos naturais de forma desenfreada perpetuou até os dias de hoje em nossa sociedade, sendo a causa de tantos desequilíbrios ecológicos que estamos vivenciando como o aquecimento global (efeito estufa), a redução na camada de ozônio, a poluição atmosférica, poluição dos rios e lagos, poluição dos mares e oceanos, desmatamento de florestas com vistas ao agronegócio e etc. Sobre a historiografia da destruição ecológica vivenciada aqui em nosso continente, Enrique Leff ressalta:

A América Latina vivencia desde o século XV as transformações ecológicas induzidas através das formas de conquista, colonização e subjugação das culturas pré-colombiana com as consequentes mudanças culturais, de uso do solo, da exploração agrícola e da mineração, voltadas para os centros imperiais e coloniais, até formas introduzidas de exploração do trabalho, como o escravismo, e seus efeitos destrutivos da natureza. (LEFF, 2003, p. 24).

Crise ambiental e o magistério de Francisco

Nos últimos anos, a temática da importância do uso responsável dos recursos naturais tem estado mais em voga em decorrência da crise ambiental que estamos vivendo. Não apenas biólogos e ambientalistas tem se debruçado sobre o tema como também teólogos.

Uma aproximação entre Teologia e Ecologia pode se dar por diferentes caminhos, seja pela via bíblica, por exemplo, enfatizando um dos relatos da criação, ou, talvez, a partir da Antropologia Teológica, numa leitura de ser humano que se atente para o estreito vínculo entre a natureza humana e o meio de vida que a circunda e sustenta. (FILHO, 202, p. 106).

A dimensão ecológica, particularmente com o pontificado de Francisco, tem ganhado importância no seio da Igreja Católica. O Papa, compondo uma ação coordenada junto a outras forças internacionais, tem falado sobre os limites de uma concepção de mundo pautada pela exploração incontida e dado visibilidade ao tema do meio ambiente, “insistido na urgência em se retomar uma discussão a respeito da vida de maneira mais profunda, considerando as relações entre os ecossistemas e a presença do homem na Terra, como condição de possibilidade para essa permanência.” Além disso, o Pontífice tem apontado a ecologia como foco para o alargamento de um olhar que envolve o diálogo inter-religioso e a cooperação internacional, enfatizando a necessidade de introdução de novos modelos eclesiais, com ênfase para a dimensão sinodal, além de rediscutir o papel e a posição do ser humano na criação. (FILHO, 202, p. 105).

Em 2015 o Papa publicou uma encíclica sobre a temática ambiental, a *Laudato Si*, com vistas a chamar a atenção das comunidades religiosas, ambientais e científicas, além de toda a sociedade civil, bem como lideranças políticas e econômicas a respeito da crise ambiental e das mudanças climáticas que o nosso planeta está vivenciando. Logo no início da Encíclica, o papa faz referência a São Francisco de Assis, que dizia que a nossa casa comum, o planeta Terra, pode ser comparada a uma irmã, com a qual partilhamos a existência ou como uma boa mãe, que nos acolhe em seus braços. Ele afirma que nada deste mundo nos é indiferente e que devemos estar unidos por uma preocupação comum, referindo-se, por exemplo, ao Patriarca Bartolomeu que dizia que um crime contra a natureza é um crime contra nós mesmos e um pecado contra Deus.

O documento vem sendo, desde a sua publicação, elogiado por pessoas de diferentes áreas e especialistas em questões ambientais. Após cinco anos de sua publicação o Papa Francisco, em comemoração, lançou a Exortação Apostólica *Querida Amazônia*, um documento importantíssimo da Igreja católica, escrito por ele a partir de dados coletados no Sínodo da Amazônia realizado em outubro de 2019 que reuniu 250 participantes, dentre eles 184 bispos e discutiu questões ligadas ao meio ambiente, mais especificamente relacionados ao bioma correspondente à região Amazônica, aos povos indígenas e a situação da Igreja Católica na região.

Este Documento, assim como a Encíclica *Laudato Si*, indica caminhos concretos para uma ecologia humana que leve em conta os pobres e a valorização das culturas. Os dois primeiros capítulos, que abordam as questões sociais e culturais introduzem a dimensão ecológica encontrada no terceiro capítulo, uma vez que não é possível desvincular a questão ambiental/ecológica dos aspectos sociais e culturais, pois “a problemática ambiental não está desatrelada da condição de vida dos sujeitos que se estabeleceram naquele território”. (FILHO, 202, p. 119).

Essa correlação é evidenciada no terceiro capítulo, onde o Papa afirma que uma “realidade cultural como a Amazônia, onde existe uma relação tão estreita do ser humano com

a natureza, a vida diária é sempre cósmica. Libertar os outros das suas escravidões implica certamente cuidar do meio ambiente e defendê-lo”. (Querida Amazônia, nº 40). Nesse capítulo, o Papa critica a cultura do descartê e do consumismo, ressaltando a necessidade de políticas transformadoras e sustentáveis que respeitem o meio ambiente e atuem numa relação de fraternidade entre os seres vivos. Como disse o pontífice, “a grande ecologia sempre inclui um aspecto educativo, que provoca o desenvolvimento de novos hábitos nas pessoas e nos grupos humanos”. Nesse sentido, o modo de viver integrado à natureza que os povos originários preservam é elogiado e tido como exemplo para toda a humanidade “A sabedoria dos povos nativos da Amazônia inspira o cuidado e o respeito pela criação, com clara consciência dos seus limites, proibindo o seu abuso” (Querida Amazônia, nº 42).

O capítulo insiste na interligação existente entre o Homem e a Terra, ressaltando que os danos ambientais nos afetam de maneira direta. A água, tão abundante no bioma Amazônico, é mais do que um recurso hídrico, como afirma Francisco, a água é o que “abraça e vivifica tudo ao seu redor” na região (nº 44). O documento lembra a interligação que existe entre a floresta, as chuvas e os rios de outros biomas e regiões do continente Sul Americano, salientando a importância de preservar a mata de pé, não deixando que o agronegócio, indústrias extrativas, energéticas, madeireiras e outras que destroem e poluem, em nome da ganância humana, sejam mais importantes do que a prática do bem viver e da sustentabilidade ambiental, criticando a maneira como o sistema econômico vê a diversidade ali presente, estritamente como recurso (leia-se mercadoria), e não como elementos constituintes e importantíssimos para a preservação do nosso planeta.

O Papa deixa claro a sua preocupação com a situação de degradação em que a floresta se encontra, afirmando que “nas condições atuais, com este modo de tratar a Amazônia, tanta riqueza de vida e de tão grande beleza estão tomando o rumo do fim” (nº 47), ressaltando que o equilíbrio de todo o planeta depende da saúde da Amazônia.

O equilíbrio da terra depende também da saúde da Amazônia. Juntamente com os biomas do Congo e do Bornéu, deslumbra pela diversidade das suas florestas, das quais dependem também os ciclos das chuvas, o equilíbrio do clima e uma grande variedade de seres vivos. Funciona como um grande filtro do dióxido de carbono, que ajuda a evitar o aquecimento da terra. Em grande parte, o solo é pobre em húmus, de modo que a floresta cresce realmente sobre o solo e não do solo. Quando se elimina a floresta, esta não é substituída, ficando um terreno com poucos nutrientes que se transforma num território desértico ou pobre em vegetação. Isto é grave, porque, nas entranhas da floresta amazônica, subsistem inúmeros recursos que poderiam ser indispensáveis para a cura de doenças. Os seus peixes, frutos e outros dons sobre abundantes enriquecem a alimentação humana. Além disso, num ecossistema como o amazônico, é incontestável a importância de cada parte para a conservação do todo. As próprias terras costeiras e a vegetação marinha precisam de ser fertilizada por aquilo que o rio Amazonas arrasta. (Querida Amazônia, nº 48).

Por fim, o Papa traz à tona os interesses econômicos internacionais de empresários e políticos para com a Amazônia, pedindo que os governos locais assumam a responsabilidade da preservação do meio ambiente e dos recursos naturais próprios de cada país, “sem se vender a espúrios interesses locais ou internacionais” (nº 49) conjugando a sabedoria ancestral com os conhecimentos técnicos contemporâneos, procurando sempre intervir no território de uma maneira sustentável. E termina o documento ressaltando a importância da educação ambiental, afirmando que:

A grande ecologia sempre inclui um aspeto educativo, que provoca o desenvolvimento de novos hábitos nas pessoas e nos grupos humanos. Infelizmente, muitos habitantes da Amazônia adquiriram costumes próprios das grandes cidades, onde já estão muito enraizados o consumismo e a cultura do descartê. Não haverá

uma ecologia sã e sustentável, capaz de transformar seja o que for, se não mudarem as pessoas, se não forem incentivadas a adotar outro estilo de vida, menos voraz, mais sereno, mais respeitador, menos ansioso, mais fraterno. (Querida Amazônia, nº 58).

4 CONCLUSÃO

Apesar de todos os erros do passado, quando a religião dos colonizadores, o Cristianismo, foi imposta de forma violenta aos povos nativos do continente Latino Americano, atrelado ao estilo de vida de vida europeu que foi, aos poucos, sendo implantado, modificando o modo como a sociedade que aqui vivia se organizava e lidava com suas riquezas naturais, o cristianismo, principalmente na figura do Papa Francisco, vem assumindo uma importante posição no diálogo sobre a preservação ambiental e a valorização dos povos indígenas, sobretudo da Amazônia.

Assim, as questões ecológicas adquirem, a partir da nova perspectiva aberta por Francisco para toda a Igreja Católica, um debate socioambiental mais amplo, envolvendo o diálogo com outras denominações cristãs e a aproximação inter-religiosa, a cooperação internacional, especialmente dos países que dividem o território amazônico – iniciativas essas sempre conjugadas com a “sabedoria ancestral” dos povos da Amazônia, procurando “intervir de forma sustentável, preservando ao mesmo tempo o estilo de vida e os sistemas de valores dos habitantes”. (Querida Amazônia, nº41).

A realidade amazônica oferece pistas e fomenta iniciativas para outras partes do continente Latino e do planeta que também sofrem as consequências da exploração desmedida e da falta de cuidado com o meio ambiente, repensando o formato a partir do qual nos relacionamos com a natureza e enfatizando a consolidação de novos hábitos ecológicos.

Ao trazer a Igreja Católica para este cenário, primeiro com a encíclica Laudato Si, depois com a convocação do Sínodo para a Amazônia e, por último, com a publicação da Exortação Apostólica Pós Sinodal Querida Amazônia, “Francisco certamente colabora com o despertar de discussões que, ancoradas na problemática ecológica, desafiam a sociedade” (FILHO, 2020, p 121). Além disso, os documentos servem de base e inspiram outras igrejas adeptas do Cristianismo a assumirem, a partir da fé, uma postura parecida em relação ao cuidado com o meio ambiente e atuarem na defesa e valorização da vida e da cultura dos povos originários.

REFERÊNCIAS

BURJACK, Guilherme. **Conversão e colonização na América Latina e Brasil: desconstruir e destruir para salvar**. Revista Caminhando v. 18, n. 2, p. 115-121, jul./dez. 2013. Disponível em: < <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/view/3928>>. Acessado em: 05 nov. 2023.

FILHO, José Reinaldo F. Martins. **Um sonho ecológico para a Igreja: o magistério de Francisco da Laudato Si ao Sínodo para a Amazônia**. ATeo, Rio de Janeiro, v. 24, n. 64, p. 104-126, jan./abr.2020. Disponível em: < https://www.academia.edu/43469288/Um_sonho_ecol%C3%B3gico_para_a_Igreja_o_magist%C3%A9rio_de_Francisco_da_Laudato_Si_ao_S%C3%ADnodo_para_a_Amaz%C3%B4nia>. Acessado em: 06 nov. 2023.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica Laudato Si’ – sobre o cuidado da casa comum**.

Disponível em: < http://www.vatican.va/content/francesco/pt/%20encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_ enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 05 nov. 2023.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazonia – ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade.** Disponível em: < http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_ querida-amazonia.html>. Acesso em: 05 nov. 2023.

HÖFFNER, J. **Colonização e evangelho. Ética da colonização espanhola no século de ouro.** Rio de Janeiro: Presença, 1977.

HOORNAERT, E. **História do cristianismo na América Latina e no Caribe.** São Paulo: Paulus, 1994, p. 391-421.

HOORNAERT, E. **História da igreja no Brasil: Ensaio de interpretação a partir do povo.** Primeira época. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

LEFF, Enrique. **Construindo a História Ambiental da América Latina.** Conferência proferida no 51º Congresso Internacional de Americanistas, Simpósio de História Ambiental Americana, (Santiago, Chile, 14 de julho de 2003), elaborada a partir de conferência apresentada no Simpósio Internacional de História Ambiental, realizado no Instituto de Ecologia de Xalapa (México, 22-23 de fevereiro de 2001). Tradução e revisão técnica: Ely Bergo de Carvalho. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/327270943_Construindo_a_Historia_Ambiental_da_America_Latina> . Acessado em: 04 nov. 2023.

NEVES, E. G. **Os índios antes de Cabral: arqueologia e história indígena no Brasil.** In: SILVA, A. L. da S.; GRUPIONI, L. D. B (Orgs.). *Temática Indígena na Escola. de 1º e 2º graus* /— Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 1995. p. 171-196.

POLETTO, Ivo. **Campanha da Fraternidade 2007: a Amazônia como profecia.** Encontros Teológicos nº 46 Ano 22. número 1. 2007.

SILVA, Júlio César Lázaro da. **Resumo Histórico-Econômico do Brasil: a Colonização Portuguesa; Brasil Escola.** Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/resumo-historico-do-brasil.htm>. Acesso em 30 out. 2023.